

## A MANA ELISA E O MANO HEITOR

Como dissemos no numero anterior, todos riram da sahida dos dois manos, ao imitarem o avósinho e a avósinha. E, realmente, os pequenitos não careciam de graça.

O avô, ancião muito alegre, disse afinal: — «Com os velhos todos mangam, até os meus netos! Mas deixem estar! cá os espero! Tornem a pedir-me bolos!»

O Heitor correu logo para o avô, e, fazendo-lhe festas, disse-lhe meigamente: — «Então o avósinho está zangado? — «Se te parece!»

A Elisinha foi tambem para o collo da avô, receiosa de que ella estivesse despeitada; mas a boa senhora sorriu e beijou-a, o que a tran-

quillizou. Entretanto, o avô fingia fazer as pazes com o neto e começou a dizer-lhe um segredo.

— Pois sim! gritou o Heitor muito contente.

E acrescentou, voltando-se para a Elisinha:

— O mana, anda cá!

E foram a correr para o interior da casa.

Estavam todos curiosos de saber a explicação d'aquella scena inesperada. De mais a mais, o avô sorria zombeteiramente, e esse sorriso aguçava a curiosidade geral. D'alli a nada, o bom velho acercou-se da porta e disse:

— Entrem, e vamos a ver como passam pelo Chiado a tia Margarida e o mano Julio.

Os dois pequenitos entraram assim:



ELISA: — *Que vestido tão espantado o d'aquella senhora! Sempre ha cada trapalhona!*



HEITOR: — *Em S. Carlos só a Pasqua se pôde ouvir. Tudo mais é uma borracheira!*

Romperam novas gargalhadas. Mas o rir da tia Margarida e do mano Julio era um tanto amarello.

## MÃE

«A mulher, como mãe, realisa na terra todas as maravilhas do céu, pois que céu... resplandecente dos thesouros divinos, é o seio, d'onde lhe pendem os fructos do seu legitimo amor; pois que braços, tecidos pelas mãos dos anjos, são os braços amantíssimos, com que ella os aperta contra esse seio, manancial inesgotavel de benções para Deus, que lh'os deu e ampara, e de carinhos e lições para elles, que são o complemento da grande obra da sua ventura.

«Ha lá descuido, que ella não preveja, perigo que não a assuste, meio de que se não sirva, quando se trata de seus filhos?»

«O repouso do corpo, a tranquillidade da alma, a saúde e a vida — tudo ella esquece, tudo cede, com tanto que lh'os não maltratam!»

Os meus meninos, leitores do *Jornal da Infancia*, aquelles a quem cabe no mundo a suprema ventura de recostar a cabeça, toda cheia de pensamentos radiosos e virgens, no regaço carinhoso de suas mães, já têm nos seus singelos raciocínios pensado n'isto alguma vez?

N'aquellas suas idéas, cõr de rosa, sobre as cousas alegres da vida, não lhes apparece sempre a imagem suave, venturosa e terna d'essa mulher, que nas palavras, que

lhes diz, nas cautelas, de que os cerca, nos carinhos de que os cobre, nos beijos que lhes dá — se extrema de todas as outras mulheres?

Mãe! nome incomparavel, que nas suas tres letras apresenta tres notas magicas, que se dobram em harmonias celestias, que tão gratas e doces nos soam aos ouvidos! — no tenro coração da graciosa menina, que me lê, na alma sensível d'este bom rapazinho, que folheia as paginas do semanario, onde escrevo, tem elle um logar elevado, bem perto de outro nome querido, o nome do papá.

Este é o ente forte, que grangeia o pão lá fóra, no seu emprego, na sua lavoura, na sua officina, á força de um trabalho aturado; a mamã,

dentro de casa, prepara ou manda preparar a alimentação, intende na economia diaria, dirige os trabalhos domesticos, ensina e ama os meninos, dando-lhes beijos e carinhos, premios e castigos.

— Pois a mamã ama a gente, quando castiga? — pergunta aquella menina, muito admirada.

Ama e muito.

Não fallo das mães que não sabem sê-lo, porque tambem as ha que são más, ou por muita indulgencia, ou por demasiada severidade.

Na familia, como na sociedade, como nas nações, ha premios e castigos, aquelles para o bem, estes para o mal.

Nas nações, o governo dirige as pessoas e os negocios, segundo as leis, isto é, umas regras escriptas, que se fizeram para isso; os homens bons applaudem, e dão premios ás virtudes dos outros homens, seus concidadãos; a policia prende os criminosos, e os juizes, em nome das sobreditas leis, dão-lhes o castigo.

Pois em nossa casa é a mesma cousa.

Os nossos paes fazem as leis, são juizes e governo. Os seus filhos, os seus criados, os seus trabalhadores, os seus operarios são os governados, aos

quaes se dá recompensa ou castigo, conforme as boas ou más acções, que praticam.

Pois os meus pequenos leitores ainda não tinham dado por isso?

A mãe, que deixar uma acção má de seu filho, sem reprehensão ou castigo, por indulgencia, é tão prejudicial como a que o castigar innocente, ou o fizer em demasia.

A razão é porque o menino de hoje, mimoso em excesso, creado á lei da natureza, sem correção para as suas más travessuras — será o homem de amanhã, um homem desprezível, sem duvida, desde que a sua infancia foi mal dirigida.

E que grande influencia que as mães têm na vida futura dos seus filhos!

Ainda ha poucos dias, uma escriptora illustre de Hespanha, a senhora Concepcion de Flaquer,



discorreu brilhantemente sobre este assumpto.

Nótem os meninos estas suas palavras, para em todo o tempo se mostrarem agradecidos, como devem, á boa direcção, que lhes é dada por suas mães, seja qual fór o modo como ella se exercer :

«Não o duvideis, a nossa mãe imprime em nós o cunho do seu caracter.

«As suas paixões formam a nossa natureza, as suas idéas o nosso criterio, os seus sentimentos o nosso coração, os seus desejos as nossas aspirações.

«A mãe marca-nos na vida o itinerario que devemos seguir ; vae na vanguarda ; acha-se sempre no ponto mais avançado.

«É a bussola, que nos aponta a derrota, a rosa dos ventos, que nos guia o baixel, a estrela

polar, o pharol, a Ariadna, a fada, que nos entrega o fio mysterioso, para que nos não enganemos nas tortuosidades da vida.»

E é assim.

Nossa mãe, quando nos aconchega do peito, n'um abraço de suprema ternura, não tem pensamentos que não sejam para a nossa felicidade ; quando nos beija, transmite-nos parte da sua alma ; quando nos castiga os desmandos, é a nossa ventura ainda que lhe guia o braço.

Mãe ! Desgraçados os que a não têm !

Mil vezes felizes os que podem cobri-la constantemente de gratidão e affectos, porque ella, entre todas as manifestações do sentimento humano, é a unica que realisa na terra o infinito poema do amor !

SANCHES DE FRIAS.

## VERSOS AO JULIO

### UMA VELHA PRETENCIOSA

Ambrosia, apesar de velha  
Já careca e desdentada,  
Que dia a dia se engelha  
Como a castanha pilada ;

Disfarça as rugas com arte  
E a espinha curva impertiga,  
P'ra passar em toda a parte  
Por formosa e rapariga . .

Penteia com bandolina  
E põe lustrosa de banha  
A sua velha chorina  
De pellos côr de castanha.

Julga a dengosa velhota  
Que a toda a gente enfeitiga  
Quando n'um riso idiota  
Mostra a queixada postiga ! . . .

Pois esta velha garrida,  
Sem vergonha e sem juizo,  
Foi alvo de uma *partida*  
Que a toda a gente fez riso.

Dois cães andavam brincando  
Em carreiras ao despique,  
Quando a velha ia passando  
Carregada de arrebique.

— Olá ! (brada, voz em grita,  
Um dos cães p'ra o companheiro  
Que pintura tão bonita  
P'ra tão velho pardieiro !

«Vamos fazer-lhe a arrelia,  
Ao casebre dando assedio,  
De ver se ha *macacaria*  
N'agua-furtada do predio . . .»

E os cães, tomando um baraço  
P'las duas pontas, nos dentes,  
Da velha seguindo o passo  
Correm latindo contentes.

Ambos marchando em parelha,  
N'um correr desenfreado,  
Passam por junto da velha  
Cada um pelo seu lado.

Assim que a velhota sente  
A calva prender-lhe as *gambias*,  
Falta-lhe o chão de repente,  
E a velha cabe de *catrambias* !

Um dos cães tira-lhe a touca  
E co'ella lesto se safa,  
Leva-lhe o outro na bocca  
A desbotada marrafa !

E a velha, que o medo prostra,  
Vermelha de raiva e pejo,  
Lá fica co'a calva á mostra,  
Mais luzidia que um queijo !

.....  
Não te adornes, sendo calvo,  
Com cabelo que não tens,  
Se não quer's tornar-te em alvo  
Até do escarneo dos cães . . .

D. MARIA DO Ó.

## AS PERGUNTAS DE SUSANA

POR EMILIO DESBEAUX

(Continuado do numero antecedente)

Concordou-se em illudir a Susaninha no dia seguinte. Paulo entraria na confidencia, para tambem ajudar a evitar á sua irmãsinha qual-quer impressão dolorosa.

Susana tinha os olhos um tanto vermelhos, signal de que chorara. Não beijou o avô com a alegre vivacidade que lhe era habitual. A tristeza entrara-lhe no coração.

O sr. de Beaucourt mostrou-se, pelo contrario, inteiramente despreocupado. Logo á primeira vista notara a mudança de Susana, e julgou conveniente distrahi-la.

A pequenita, muito admirada do ar jovial do seu avôsinho, perguntava a si propria se teria sonhado. Parecia-lhe impossivel que o avô, depois do que se passara na vespera, tivesse a alegria de todos os outros dias. Depois de hesitar por muito tempo, atreveu-se a fazer-lhe a seguinte pergunta:

— Então, avôsinho, ficou tudo arranjado?...

— Arranjado o quê?  
— voltou o sr. de Beaucourt, dissimulando.

— Ora, tu bem sabes... aquillo de hontem á noite... o casamento do Paulo...

— Ah! era d'isso que querias fallar?

— De certo!

— Ainda não está tudo arranjado, como tu dizes, mas ha de arranjar-se — respondeu o avô com indifferença.

— Sim?... — exclamou a pequenita.

— Que duvida! Conversamos largamente com o teu papá, e convencemo-nos de que eram exagerados os seus receios. Verás que estas nuvensinhas desaparecem.

— E o Paulo casa com a minha amiga Thereza? A intelligente menina, que estava ainda receiosa, olhou bem a fito o seu avôsinho, para ver se elle a enganava.

O sr. de Beaucourt estava em grave embaraço. Ainda na vespera declarara que a verdade era preferivel a tudo; mas dizel-a, sem rodeios, a uma creança tão impressionavel como a Susaninha, era perigoso. Convinha informal-a gradualmente, a pouco e pouco. Eis porque respondeu evasivamente á categorica pergunta da netinha.

— Não vejo motivo para deixar de effectuar-se esse casamento, desaparecendo os obstaculos que teu pae julgava existirem! Bem sabes que todos desejamos a felicidade de Paulo. Portanto, cumpre confiar e esperar.

— Esperar por muito tempo?

— O menos que fôr possivel.

— Mas então, posso continuar a ver a minha querida amiguinha Thereza? Responde, avôsinho, e então acreditarei tudo que quizeres!

O sr. de Beaucourt pensou que não tinha remedio senão fazer a vontade á pequenita, para afastar as suspeitas que ella bem mostrava conservar ainda.

— Certamente! — disse elle — ninguém te impedirá de continuares a ver a tua amiga. Porque motivo te haviam de prohibir que visitasses a menina Thereza?

— Confio em ti, avôsinho! — exclamou a pobre Susana. — Nós ambos havemos de trabalhar para destruir os taes malditos obstaculos! Promettes empregar todos os esforços n'este sentido?

— Prometto sim, minha querida filha — murmurou o ancião, beijando a neta — e hoje mesmo vou começar.

— Oh! como és bom! Ninguém tem um avôsinho como eu tenho!

## CAPITULO XXIV

A MISSÃO DO AVÔ E A VISITA DE SUSANA



Theresia Montlaur

Na tarde d'aquelle dia, o sr. de Beaucourt apresentou-se em casa da senhora de Montlaur. Thereza, que estava ao lado de sua mãe, levantou-se alegremente para ir ao encontro do avô de Susana. Mas o ar grave do sr. de Beaucourt causou-lhe estranheza; notou que a fitava tristemente, denunciando um evidente embaraço.

Thereza ficou logo quieta. Não era de simples comprimento aquella visita. Alguma coisa grave succedera. O sr. de Sannois regressara a Paris: quem sabe se teria recusado a Paulo o consentimento para o tão desejado enlace?...

A pobre Thereza esperava uma palavra que devia decidir da sua sorte, quando o sr. de Beaucourt pediu á senhora de Montlaur que lhe concedesse uma conferencia em particular.

A mãe de Thereza tivera de certo as mesmas suspeitas de sua filha, porque voltou para ella um olhar sobresaltado, dizendo:

— Deixa-nos por um momento, minha filha.

Thereza sahiu da sala, muito perturbada e commovida.

Apenas desapareceu a desventurada menina, o sr. de Beaucourt estendeu a mão á senhora de Montlaur e disse-lhe com tristeza:

— Vejo que mãe e filha presentiram já o fim da minha visita!

— Que diz, senhor?! — murmurou a senhora de Montlaur, tremendo de ouvir a fatal verdade.

— Digo, minha senhora, que é necessario,

infelizmente, renunciar aos projectos que tinhamos formado sobre a sorte de nossos filhos. É impossível a alliança das nossas familias.

— Impossivel! Mas, Deus do ceu, qual é o terrivel obstaculo que se oppõe á felicidade de minha filha?...

— Terrivel, diz bem, minha senhora. Só queria que tivesse presenciado a crudelissima dôr do sr. de Sannois quando se viu forçado a recusar o pedido de Paulo!

A mãe de Thereza pensava na impossibilidade do auspicioso casamento, e comprehendia agora qual não devia ser a dôr do sr. de Sannois, auctor involuntario d'uma falta cujas consequencias vinham reflectir-se sobre dois innocentes. Afinal, ergueu a cabeça, e disse ao sr. de Beaucourt:

— Agradeço-lhe o ter tido a coragem de dizer-me a verdade. Infelizmente, tem razão: Paulo não pode desposar minha filha.



A senhora de Montlaur abria os braços para receber a sua desventurada filha.

— A dôr do sr. de Sannois! Não comprehendo. Então o pae que recusa fazer a felicidade de seu filho, afflige-se com a sua propria recusa?... Ha ahí um mysterio impenetravel para mim.

— É esse mysterio que venho patentear-lhe em nome do sr. de Sannois.

Então o sr. de Beaucourt desempenhou-se da sua triste missão, contando o que se passara na vespera.

A senhora de Montlaur deixou fallar o ancião, e depois de elle acabar, conservou-se pensativa por largo espaço.

O sr. de Beaucourt respeitou aquellas silenciosas reflexões.

E accrescentou, apellando para as suas reminiscencias:

— Não cheguei a conhecer o infeliz Pedro de Montlaur. Quando casei já elle tinha morrido havia muitos annos.

Calou-se, mas de repente, como se encontrasse uma solução inesperada, exclamou:

— Mas meu marido nunca me disse que seu irmão morrera em duello!

— Sim?... — disse vivamente o sr. de Beaucourt, esperançado em poder aproveitar o menor pretexto. — Então que lhe disse seu esposo?

— Apenas que seu irmão Pedro morrera durante a guerra da Criméa.

— Ah! minha senhora, pois não vê que seu marido quiz apenas occultar-lhe aquella tragedia? — murmurou o ancião, voltando á triste realidade.

— Talvez! — suspirou a bondosa senhora. — Meu Deus, pois é possível que o mal não tenha nenhum remedio?...

E vendo que o sr. de Beaucourt ficara calado, levou o lenço aos olhos, murmurando:

— Pobre Thereza!...

Antes de se retirar, o nobre ancião accrescentou:

— Não se admire, minha senhora, se a Susana continuar a visitar a sua amiga Thereza. Foi tal o desgosto que sentiu que, para a socegar, tive de enganar-a. Digne-se, portanto, de prevenir sua filha, para que não estranhe a visita da Susaninha; e não se esqueça que ella

Montlaur teve de revelar a verdade a sua filha.

Thereza tambem nunca ouvira dizer que Pedro de Montlaur fôra morto em duello.

Uma coisa a consolou: o saber a parte que a sua amiguinha Susana tomara na triste resolução; e via nas suas promettidas visitas um feliz presagio.

A pobre mãe não tratou de apagar aquella ultima illusão!

Durante este tempo, egual tristeza reinava no palacio de Sannois. Para desvanecerem as suspeitas da Susaninha, tentavam mostrar-se alegres, mas não podiam. Ella bem percebia aquella tristeza disfarçada, mas julgava que provinha das difficuldades momentaneas de que lhe fallara o avósinho.

Um dia, pediu para ir visitar a sua amiguinha



... Sentou-se na cama, mostrando no rosto uma viva expressão de terror...

está persuadida de que breve desaparecerão os obstaculos ao projectado casamento.

— Infelizmente, mais dia menos dia, terá de saber...

— D'accordo: mas deixemos correr o tempo.

— Sim, o tempo que tudo desvanece! — murmurou a senhora de Montlaur.

Apenas sahio o sr. de Beaucourt, Thereza appareceu, pallida, trémula, como se adivinhasse a desgraça que ia ferir-a. Não necessitou de interrogar sua mãe: bastou olhar-lhe para o rosto desolado.

A senhora de Montlaur abriu os braços para receber, lavada em lagrimas, a sua desventurada filha.

Depois de dar largas ao pranto, Thereza ergueu os olhos para sua mãe e disse em voz baixa:

— Então porque não quer elle?...

Referia-se de certo ao sr. de Sannois, não podendo adivinhar o motivo da recusa.

Procurando os possiveis rodeios, a senhora de

Thereza. O sr. de Beaucourt promettera, era forcoso cumprir.

A criada de quarto acompanhou a pequenita, com a recommendação de que encurtasse a visita.

Apenas Susana viu a Therezinha, lançou-se-lhe nos braços, exclamando:

— Como estou contente! Cheguei a persuadir-me que não tornaria a ver-te! Oh! era impossivel, não é verdade? Choraste! mas socega, os taes obstaculos não de desaparecer. O avósinho prometteu-m'o! Tudo se arranjará; verás!

A pobre Thereza não podia responder; limitava-se a sorrir, beijando a sua amiguinha. Entretanto, as perguntas da pequenita tornavam-se embaraçosas, e Thereza não sabia como evital-as. Felizmente, appareceu a sr.<sup>a</sup> de Montlaur, que desviou a conversação, até que a criada de quarto pediu á menina para se retirar. Ao despedir-se, a Susaninha prometteu a Thereza voltar breve, e accrescentou:

— Tudo se ha de arranjar! Verás!

## CAPITULO XXV

## OS SONHOS

Dias depois, a Susaninha acordou uma manhã muito aflicta. Sentou-se na cama, mostrando no rosto uma viva expressão de terror. Os seus olhos, orvalhados de lagrimas, percorriam toda a alcova, parecendo não distinguir os objectos.

A pequenita estava cheia de medo. De repente gritou:

— Mamã! mamãinha!...

A senhora de Sannois veio a toda a pressa. Correu as cortinas da janella, e acercando-se do leito de sua filha, viu-a aterrorisada.

— Que tens tu, minha querida filha?... — perguntou inquieta.

Susana não respondeu e lançou-se nos braços da mãe, como a buscar protecção contra um perigo occulto. Afinal, os raios do sol entrando no quarto reanimaram a pequenita. Olhou primeiro para a sua mamã, e depois examinou a cama, as paredes, os moveis, e exclamou com um suspiro de allivio:

— Ah! mamã, era um sonho! Mas que sonho horrivel!

— Que foi então que sonhaste?

— Uma coisa tão medonha, que só a recordação me enche de susto!

— Ora vamos, socega e confia-me o segredo d'esse pavoroso sonho. Diligenciarei dissipar os teus terrores.

(Continua).



## A RAPOSA E A CEGONHA

FABULA DE LAFONTAINE

Raposa de muita ronha  
Foi um dia convidar  
Sua comadre cegonha  
Para assistir a um jantar.

Foi jantar de pouco brilho  
E de nenhum apparato;  
Apenas papas de milho  
Espalhadas em um prato.

P'ra chuchar o pitéo rico  
Dona cegonha trabalha;  
Mas, por ter um longo bico,  
Nem pôde apanhar migalha.

E a velhaca da raposa,  
Que do logro rindo vae,  
As taes papas, mui gulosa,  
Lambeu-as todas n'um ai.

P'ra se vingar d'este engano  
A cegonha, que azouou,  
Deixou passar mais d'um anno  
E a comadre convidou.

— Ás ordens! prompta! disse ella,  
Cermonias é que eu não faço:  
E preparou a guela  
Qual quem vae jantar ao paço.

Quiz a cegonha em tal caso  
Dar um banquete d'estalo;  
Porém serviu-o em um vaso  
De muito estreito gargalo.

A cegonha, sem fadiga,  
Todo o pitéo comer soube,  
Pois que o focinho da amiga  
Pelo gargalo não coube.

Pobre raposa!... esperando  
A mais fina paparoça,  
Teve de se ir esgucirando  
Fazendo cruces na bocca!

Aqui lição proveitosa  
Cólha quem vive de enganos:  
O que succedeu á raposa  
Tambem succede aos humanos.

J. I. D'ARAUJO.

## HORAS ENTRETIDAS

51 — CHARADA

Só n'uma ou outra cidade  
Tu me podes encontrar. — 1  
Os fracos são incapazes  
De meus bríos sustentar — 3

Foi ousado e destemido  
Como puro portuguez;  
Mas perdeu a vida e os seus  
N'um formidavel revez.

PASSARINHO

52 — CHARADA

É sempre a minha missão  
Alimentar fornecer. } 2  
Cinco irmãos somos ao todo,  
Mas sómente por tres nomes } 2  
Nos damos a conhecer.

Tendo notavel dextreza,  
Causa espanto e admiração,  
Porque sendo um ente fraco,  
Dá ao forte sugeição.

BELLA-FLORES

53 — ENIGMA

U U U U U Amazonas  
U U U U U Nilo  
U U U U U Tejo

Vizeu.

O PEQUENO ANTONINHO.

54 — PHRASE DE PONTOS

Q... m.... f.... m.... c....

Figueira.

AZOGUE.

55 — PERGUNTA INNOCENTE

O que é que Deus não vê nunca, um imperador raras  
vezes, e o homem do povo vê todos os dias?

56 — PERGUNTA INNOCENTE

Um individuo tinha dois cães, e viu o Mafarrico e le-  
vou-lhe um. Com quantos cães ficou o homem?

Porto.

ANNA, ERMELINDA & C.<sup>a</sup>

57 — PERGUNTA INNOCENTE

Qual é o mez em que as creanças fazem menos mal-  
dades?

58 — CHARADA NOVISSIMA

Uma serpente aperta um animal — 2 — 1

Vizeu.

PEQUENO ANTONINHO.

59 — CHARADA NOVISSIMA

Tapa, francez, e vê tu, hespanhol, este tecido — 2 — 2

Lisboa.

FANTOCHE

60 — CHARADA NOVISSIMA

De barro e de carne é esta massa — 2 — 1

LUNATICO.

61 — CHARADA NOVISSIMA

No cadafalso este animal tem garras — 1 — 1

PRIMAVERA.

62 — PALAVRAS QUADRADAS

Serve ao homem e á mulher  
É synonymo de prender  
O meu peso é descontado  
Na egreja o vou fazer.

Figueira.

AZOGUE.

## ALEGRIAS

Reflexão d'um bebedor:

— Sempre ouvi dizer que um copo de vinho  
dá forças á gente; afinal, já bebi quinze e ainda  
não posso suster-me nas pernas!

O celebre pregador Flechier, bispo de Nimes,  
era filho d'um simples fabricante de velas de  
sêbo. Um fidalgo da côrte, muito orgulhoso do  
seu nobre nascimento, disse um dia ao talentoso  
bispo, que muito se admirava que o tivessem  
tirado da loja de seu pae para o collocarem na  
cadeira episcopal.

Flechier, sahindo a custo da sua simplicidade  
e modestia habituaes, respondeu d'este modo ao  
impertinente cortezoão:

— Pelo que dizeis, senhor, se vós tivesses  
nascido na humildade em que eu nasci, é pro-  
vavel que fosseis ainda fabricante de velas.

A um marinheiro que embarcava para a India  
perguntou alguém, que se julgava mais esperto  
do que elle:

— Onde morreu teu pae?

— N'um naufragio.

— E teu avô?

— Meu avô morreu afogado, quando andava  
na pesca.

— E o teu bisavô?

— Tambem morreu no mar, por occasião  
d'um grande temporal.

— E vaes embarcar, tendo esses tristes exem-  
plos na tua familia?

— Diga-me agora o senhor onde morreu seu  
pae.

— Na cama, muito suavemente.

— E os seus avôs?

— Da mesma maneira.

— E o senhor atreve-se a deitar-se todas as  
noites na cama, sabendo que é allí que costuma  
morrer a sua familia!...

Bem respondido.

## SOLUÇÃO DOS PROBLEMAS

41, Verdi. — As operas são as seguintes:

torça do destino  
rombados  
>rolão  
em baile de mascarar  
aviata  
>tila

42, A letra M. — 43, Respirar. — 44, Camarão.

45,

M  
A  
MARIA  
G  
A  
R  
I  
D  
A

46, Larapio. — 47, Jaca, Jacu. — 48, Um ovo. — 49, Ricardo

50,

ROMULO  
OPADO  
MAGO  
UDO  
LO  
O